

# O letramento na constituição do leitor científico

*Literacy in scientific texts reader's constitution*

ANDRÉ HENRIQUE DE MARAFIGO

Graduando em Letras - UNIVILLE

E-mail: marafigo.ah@gmail.com

MATHEUS GABRIEL DA SILVA BOFF

Graduando em Letras - UNIVILLE

E-mail: matheusgabriel.correio@gmail.com

ROSANA MARA KOERNER

Doutora em Linguística Aplicada - UNICAMP

E-mail: rosanamarakoerner@hotmail.com

---

**Resumo:** O estudo que aqui se apresenta buscou investigar a relação que acadêmicos de graduação possuem com as leituras e o material proposto ao longo de seus respectivos cursos, assim como sua percepção acerca deles, seus conhecimentos sobre os gêneros textuais científicos e as dificuldades enfrentadas por eles na vivência acadêmica. O instrumento de pesquisa foi um questionário *online* com 22 perguntas, sendo apenas uma delas de livre resposta. Os resultados mostraram que muitos estudantes possuem conhecimento mediano de gêneros científicos e, ainda assim, somente dos mais recorrentes, como o artigo e a resenha. Houve, também, exposição de dificuldades quanto à compreensão, utilidade e vinculação dos materiais propostos com o curso de maneira geral. Vê-se, então, a necessidade de trazer a discussão sobre o Letramento Acadêmico/Científico para patamares mais presentes não somente no meio dos discentes, mas também no dos docentes.

**Palavras-chave:** Letramento Científico. Acadêmicos. Leitura. Gêneros Textuais Científicos.

**Abstract:** The present article sought to investigate the relationship that undergraduate students have with academic reading and the material proposed throughout their respective courses, as well as their perception of them, their knowledge about scientific textual genres and the difficulties they face during the academic experience. The survey instrument was an online questionnaire with 22 questions, being only one of them open to discursive answers. The results showed that many of the students have average knowledge of scientific genres and, even so, only about the most recurring ones, such as article and review. There was also exposure of difficulties regarding the understanding, usefulness and linking of the materials proposed to the course in general. It is seen, then, the necessity of bringing the discussion on Academic/Scientific Literacy to levels more present not only in the student environment, but also among teachers.

**Keywords:** Scientific Literacy. Academics. Reading. Scientific Textual Genres.

---

## 1 INTRODUÇÃO

A partir do ingresso no primeiro ano do Ensino Fundamental (em alguns casos até mesmo antes), a criança já passa a ter contato com o aprendizado e o desenvolvimento da leitura. Visto que este tipo de habilidade é algo que acompanhará o indivíduo durante toda a sua vida, sobretudo se escolher ingressar na academia, vê-se, nesse quesito, a motivação para a presente investigação.

A academia vem, há muitos, anos sendo colocada em lugar de prestígio pela sociedade, e é crescente a valorização da educação, da ciência e da pesquisa. Contudo, no momento atual, há a preocupação de como é trabalhada a teoria com os acadêmicos que passam pelo processo de formação e a de que, futuramente, serão eles próprios desenvolvedores de pesquisas e guiarão a disseminação do saber.

Dessa forma, buscou-se investigar questões como em que medida a formação superior e o contato com gêneros textuais científicos contribuem para a vida acadêmica e, igualmente ao que foi tomado como objetivo geral desta pesquisa, quais as dificuldades vivenciadas pelos acadêmicos em relação às leituras técnicas sob a perspectiva do Letramento Acadêmico/Científico. Assumiu-se, ainda, uma terceira problemática: compreender a forma como os acadêmicos percebem as leituras relacionadas aos seus respectivos cursos e a interligação delas com outras disciplinas da grade curricular.

O artigo se estrutura de forma a contemplar os pressupostos teóricos que embasaram a pesquisa, a apresentação da metodologia utilizada, a análise e a discussão dos dados coletados e as considerações que lançam olhares amplos às problemáticas.

## 2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Nesta seção serão discutidos alguns pressupostos que envolvem três macrotemas: leitura e formação do leitor, letramento e, afunilando para o tema central, letramento acadêmico.

### 2.1 CONSIDERAÇÕES SOBRE A LEITURA E A FORMAÇÃO DO LEITOR

Há diferentes conceitos de leitura permeando o ambiente acadêmico. Muitos autores apontam que ler vai muito além da decifração e da decodificação de um texto. Interpretar, compreender e reescrever aquilo que foi lido, saber construir diálogos críticos entre a significação de um texto e o mundo é interação recíproca entre o texto e o leitor. De acordo com Foucambert (1994, p. 31), “[...] ler significa ser questionado pelo mundo e por si mesmo, significa que certas respostas podem ser encontradas na escrita, significa poder ter acesso a essa escrita, significa construir uma resposta que integra parte das novas informações ao que já se é”. A decodificação de um texto não basta; é preciso que o leitor se esforce para realizar uma interpretação íntegra e eficiente, principalmente no que se refere ao texto narrativo, que oferece múltiplos detalhes a respeito do enredo.

Muito se fala a respeito do desinteresse dos jovens pela leitura ao chegarem ao Ensino Fundamental e Médio, mas pouco se faz para mudar esse quadro, que é reflexo

de um terreno mal preparado na infância. O incentivo à leitura não deve partir apenas do professor quando a criança começa a cursar as séries iniciais, mas, sim, dos pais ou responsáveis, que devem ser o motor impulsionador da leitura antes mesmo do infante chegar à escola.

No entanto, é compreensível que muitos pais, tanto por fatores socioeconômicos e culturais quanto por falta de tempo ou desinteresse, não estimulem a criança a ler e, portanto, a escrever, deixando essa tarefa somente para o professor. Diante dessas condições, cabe à escola garantir que os alunos tenham acesso aos livros, por meio de bibliotecas e professores mediadores de leitura capacitados para que essa tarefa seja cumprida. Muito além da escola, é uma tarefa essencialmente do governo garantir verbas e políticas públicas para que a leitura possa cumprir seu papel de formar leitores maduros, críticos e humanizados, capazes de usar suas experiências literárias a fim de conseguir atuar em diferentes situações da vida.

Paulo Freire (1989) aponta que a leitura de mundo precede a leitura da palavra, e o livro infantil juvenil permite esse movimento, pois mostra à criança e ao jovem um recorte do mundo por meio das imagens e das cores em sua completude. É partindo dessas linguagens que a leitura transmitirá sua mensagem de respeito às pessoas, aos direitos humanos e à natureza, possibilitando a construção crítica dos jovens acerca dos valores sociais que beneficiam o bem comum.

## 2.2 LETRAMENTO

Para Santos *et al.* (2016), os processos de alfabetização e letramento são mais complexos do que se possa imaginar. Embora sejam processos distintos, é necessário que caminhem juntos, para que ambos sejam aplicados com eficiência e, principalmente, para que o educando consiga absorver de forma orgânica todas as metodologias utilizadas nesse percurso.

Dessa forma, entende-se que a aprendizagem de leitura e escrita se dá por meio de um processo dinamizado que ocorre através de dois mecanismos de acesso: a técnica, configurada no modo de alfabetização, e o letramento, relacionando-se às práticas sociais. De acordo com Santos *et al.* (2016, p. 6),

[...] para que ocorra a efetivação e domínio da técnica, onde o educando consiga traçar, reconhecer as letras e relacionar som e grafia, é indispensável a presença de materiais adequados ao ensino, um ambiente benéfico e um educador atento que saiba prognosticar possíveis irregularidades na aquisição e contribuir positivamente durante todo o percurso.

No seu processo de construção pessoal, o indivíduo começa a compreender o mundo a sua volta antes mesmo de ingressar na esfera acadêmica e vai trabalhando a curiosidade e a familiaridade com diversos temas, em especial, a leitura e escrita. E é por meio destas que esse indivíduo constrói pontes de saber intrínsecas aos seus interesses pessoais, sendo instigado, cada vez mais, a fazer novas descobertas.

Nessa perspectiva, Santos *et al.* (2016) afirma que o professor é mediador e a ele cabe a responsabilidade de fazer com que o aluno, no decorrer do trajeto educativo, crie vínculos sólidos e prazerosos com a leitura e a escrita, articulando conteúdos significativos, desprendendo-se de ferramentas obsoletas e funções tradicionais como apenas um mero transmissor de conteúdo e, conseqüentemente, repetidor de exercícios dos livros didáticos. É crucial uma forma de ensino compatível com a realidade e o contexto social em que o educando está inserido, a fim de que, gradativamente, ele construa uma relação fundamentada nos conceitos do seu aprendizado e do mundo que o cerca.

Sabemos que para alfabetizar letrando o professor deve realizar um trabalho social com a intenção de desenvolver atividades pedagógicas que busquem aproveitar a vivência do aluno e também é necessário que o docente tenha sensibilização para melhor ajudar o educando no processo de alfabetização e letramento. (SANTOS *et al.*, 2016, p. 9).

Por fim, o autor afirma que haverá muitos desafios a serem superados pelo corpo docente, mas, num mundo que está em constante mudança e aperfeiçoamento, têm-se as condições necessárias para lidar com esses dilemas.

### 2.3 LEITURA ACADÊMICA

Segundo a pesquisa de Silva *et al.* (2020), vê-se que a procrastinação é um dos grandes inimigos da leitura acadêmica; a inclinação à leitura dos textos possui maiores probabilidades de culminação quando existe uma motivação particular de interesse natural por parte do aluno, do contrário, a ociosidade e o adiamento da tarefa predominam. Os indicadores obtidos pela pesquisa demonstram que “entre os vinte e cinco e trinta anos [pode] haver um declínio na procrastinação com posterior aumento da idade, justificado pela obtenção de experiência ocasionada pela maturidade” (UZON ÖZER *et al.*, 2009 *apud* SILVA *et al.*, 2020, p. 155 [adaptação própria]).

Já Oliveira e Santos (2005) apontam que alunos advindos do Ensino Médio para o nível superior demonstram uma deficiência na qualidade da leitura, apresentando apenas a habilidade de decodificação em mais de uma década de ensino e deixando as habilidades de letramento, criticidade, interpretação e motivação mais atrasadas.

Para entender essa complexidade é necessário levar em consideração as muitas características do leitor, o conhecimento anterior que influencia a compreensão geral do texto, o objetivo da leitura e o propósito e nível de motivação do leitor. Isso talvez explique por que pesquisar a compreensão em leitura seja desafiador para os interessados pela área [...] (OLIVEIRA; SANTOS, 2005, p. 123).

Como apontado por Tourinho (2011), a discrepância entre os estudos em outros países acerca da leitura comparados aos do Brasil é enorme, o que impossibilita uma visão ampla sobre o problema que envolve a prática. A deficiência de tanto de estudo quanto de fomentação à leitura acarreta uma insatisfação na docência universitária, por o aluno ler apenas o que é obrigado e não possuir vivência da leiturização como entretenimento ou lazer.

Nem mesmo o advento da internet aumentou a dimensão da leitura no país, pois muitos, ao invés de utilizar essa ferramenta importantíssima a seu favor, como fonte infinita de possibilidades de acesso ao conhecimento humano escrito, preferem alienar-se com as piores opções oferecidas pela rede mundial de computadores. Infelizmente, essa situação é uma ameaça aos desenvolvimentos social, econômico e político do país. (TOURINHO, 2011, p. 328).

A maior parte dos alunos ingressantes no nível superior atualmente chega à graduação sem ser capaz de desenvolver uma relação de compreensão e interpretação de textos, fictícios ou não, independentemente de serem das áreas humanas (as quais exigem maior leitura ou interpretação) ou das áreas exatas (que, por mais que se alcance o conhecimento de modo mais técnico, ainda é dependente da interpretação para tangê-lo) (TOURINHO, 2011).

Num contraponto à motivação do acadêmico brasileiro quanto à busca e compreensão de leituras, os resultados obtidos pelo questionário de Bertoluci (2009), aplicado a alunos de Pedagogia, mostram que muitos dos ingressantes no nível superior são os primeiros de suas famílias a frequentar o ambiente acadêmico, sendo assim não tiveram nem mesmo a possibilidade de conviver com pessoas e meios que promovessem o hábito de leitura, potencializando as dificuldades apresentadas frente aos textos científicos. Por conseguinte, o vocabulário próprio do tecnicismo científico e a linguagem presente nesses gêneros apenas agravou a dificuldade já marcante pela falta do hábito de leitura.

Tangendo com a pesquisa de Silva (2019), também realizada com graduandos de Pedagogia e igualmente de Psicologia, nota-se que os alunos percebem certo estranhamento quanto às leituras propostas, principalmente no início do período letivo. A leitura fragmentada de materiais é citada como empecilho por dar a impressão de não haver coerência ou ligação entre os conteúdos; e o modo como as leituras são abordadas, por vezes com um professor não contextualizador dos planos de ensino seguidos, também é muito mencionado no que diz respeito aos aspectos que se tornam barreira da leitura acadêmica.

É como se a leitura de textos acadêmicos já fosse conhecida dos discentes, logo, não seria necessário ensiná-la. Esse pressuposto está em consonância com os princípios da abordagem habilidade de estudo (LEA; STREET, 1998): a leitura, assim como a escrita, é uma habilidade individual

e cognitiva que, uma vez aprendida, pode ser, supostamente, mobilizada em quaisquer contextos. Está em consonância também com a crença de que, quando o indivíduo aprende a ler, ele aprende de uma vez por todas, então, não há necessidade de lhe ensinar algo relativo à leitura, quando ele chegar à universidade. (SILVA, 2019, p. 208).

Como dito por Tourinho (2011), espera-se que o acadêmico ingressante no ensino superior já apresente um elevado nível de plenitude em leitura, o que, muitas vezes, por fatores majoritariamente sociais, não acontece. As impossibilidades de letramento viabilizadas pelas condições e vivências de cada um dos alunos coloca sobre as instituições de ensino superior um compromisso que vai muito além do acadêmico, mas também com a sociedade. Para Tourinho (2011, p. 344-345), “não se trata de corrigir erros da formação básica dos alunos e sim represar uma situação calamitosa, evitando que tal fluxo de problemas continue”.

Vê-se, então, que uma solução viável não significa somente uma reestruturação do ensino básico referente aos aspectos que englobam a leitura, mas um olhar especial sobre a problemática que está inserida e solidificada dentro do próprio meio acadêmico, com docentes, acadêmicos e egressos que não possuem ciência dos níveis de leituras exigidos em cada etapa.

### 3 METODOLOGIA

Esta pesquisa é de abordagem quantitativa. O público-alvo envolveu acadêmicos ingressos e frequentadores regulares de cursos de graduação de múltiplas áreas e de diversas instituições de ensino superior do Brasil.

O instrumento de coleta dos dados consistiu em um questionário com 22 perguntas fechadas, sendo uma delas aberta, respondido de maneira *online*. O questionário foi disseminado por meio de redes sociais e contato direto com alguns dos respondentes. A análise dos dados foi qualitativa, quantitativa, descritiva e interpretativa, demonstrada por meio de gráficos e considerando os apontamentos teóricos.

### 4 ANÁLISE DE DADOS

Foram obtidos 113 questionários respondidos por acadêmicos de idade entre 17 a 56 anos, de universidades públicas e privadas dos estados de Santa Catarina, Paraná, Rio de Janeiro e Pernambuco, pertencendo a diversas áreas: Ciências Humanas e Linguagens (Letras, História, Geografia, Artes Visuais, Pedagogia e Educação Quilombola, ambos os cursos com licenciandos e bacharelados), Ciências Biológicas e da Natureza (Ciências Biológicas – Licenciatura e Bacharelado em Meio Ambiente e Biodiversidade), Ciências da Saúde (Medicina e Enfermagem), Ciências Socioeconômicas e Sociais Aplicadas (Administração, Ciências Econômicas, Arquitetura e Urbanismo e Direito) e Ciências Exatas e Suas Tecnologias (Matemática, Física,

Engenharia Civil, Engenharia Automotiva, Engenharia de Produção, Tecnologia em Análise e Desenvolvimento de Sistemas e Gestão de RH). É importante frisar que grande parte do público-alvo pesquisado está inserido nos cursos de Letras e suas habilitações, o que justifica o fato de alguns conceitos, como os de Letramento e o de Letramento Científico, terem um número superior de respostas favoráveis à noção e compreensão destes.

O questionário foi elaborado com perguntas voltadas ao Letramento Científico: o conhecimento dos sujeitos a respeito dele e a importância da leitura de gêneros textuais científicos, bem como a utilização desses gêneros antes e durante o ensino superior.

No que concerne à vivência educacional dos respondentes, anterior ao ingresso no ensino superior, questionamos onde haviam cursado o Ensino Médio, se em escolas públicas ou escolas particulares. Os dados resultantes dessa questão foram de que 39,8% (45 pesquisados) tiveram formação em escolas particulares e 60,2% (68 pesquisados) tiveram formação em escolas públicas. Vale ressaltar aqui que índices socioeconômicos não foram abordados; portanto, essa questão não objetivou pesquisar se os participantes que frequentaram escolas particulares eram bolsistas, totais ou parciais, ou se arcavam com todos os custos do ensino. O intuito foi apenas perceber a qual nível de educação os respondentes foram expostos.

Sendo perguntados se sabiam o que era Letramento Científico, simplesmente Letramento ou se não sabiam absolutamente nada sobre a temática, revelou-se uma porcentagem de apenas 27,4% (31 respostas) de acadêmicos que têm conhecimento do que é Letramento, 31% (35 respostas) que sabem mais especificamente o que é Letramento Científico e 41,6% (47 respostas) que não possuem qualquer noção do que seja Letramento. É preciso dizer, ainda que exposto anteriormente, que grande parte do público alcançado configurava-se como alunos de Letras e demais licenciaturas, podendo ser esta a razão de um percentual maior acerca dos conceitos de Letramento.

Sobre as três questões fechadas referentes aos gêneros textuais, indagamos quais gêneros científicos os acadêmicos possuíam conhecimento de composição e estrutura ou se já haviam produzido ao menos uma vez; de quais desses mesmos gêneros eles possuíam qualquer conhecimento e quais eles julgavam serem os mais utilizados pelos professores.

Números muito significativos foram apontados: 90,3% disseram ter grande conhecimento sobre o artigo científico (de revisão ou de pesquisa); 87,6%, de resenha (dissertativa ou crítica); 74,3%, de síntese (argumentativa, crítica ou explicativa); 39,8%, de monografia; 57,3%, de tese e 64,6%, de livros de teoria. Uma porcentagem pequena de 31,9% apontou que já produziu ou teve contato com o ensaio acadêmico. Isso se dá, pois, segundo Maria Zambrano (1987 *apud* LARROSA, 2003), o triunfo da filosofia sistemática e da razão técnico-científica sucumbiu formas de escrita acadêmica subjetivas, como as epístolas morais, os diálogos filosóficos e o ensaio, gêneros literários que são os principais instrumentos de reflexão do pensamento dentro das ciências humanas.

Sobre os gêneros textuais científicos dos quais os acadêmicos possuem pouco ou nenhum conhecimento, o ensaio lidera com 64,6%, seguido da monografia, com 57,5%, da tese, 39,8% e dos livros de teoria, 28,3%. O artigo científico, a síntese e a resenha tiveram uma porcentagem inexpressiva. Por fim, perguntados sobre os gêneros textuais

científicos dos quais os acadêmicos julgam serem os mais utilizados pelos professores em suas disciplinas, o artigo científico, a resenha, a síntese e os livros de teoria foram os gêneros textuais mais assinalados pelo público. Já o ensaio, a tese, e, menos ainda, a monografia são os textos científicos menos utilizados nas disciplinas acadêmicas.

O quadro a seguir representa as respostas referentes à questão que investigava a utilização e a recomendação de textos científicos durante o período do Ensino Médio.

**Quadro 1:** Utilização de textos científicos em sala de aula no Ensino Médio

Alternativa	Porcentagem	N. de respondentes
Não, não houve recomendação de textos científicos.	8,8%	10
Não, não houve utilização de textos científicos.	12,4%	14
Sim, houve recomendação de textos científicos.	14,2%	16
Sim, houve tanto utilização quanto recomendação de textos científicos.	17,7%	20
Sim, houve utilização de textos científicos.	18,6%	21
Não houve utilização tampouco recomendação de textos científicos.	28,3%	32
Total	100%	113

Fonte: dados da pesquisa, 2020.

Como observado no quadro 1, a maioria das respostas, divididas em seis opções, voltou-se para o fato de que não houve utilização tampouco recomendação de textos científicos, de qualquer natureza, de qualquer área e em qualquer disciplina, segundo o total de 28,3% (32 respondentes).

Estes 28,3% que representam a não utilização e a não recomendação de textos científicos podem ser somados aos 12,4% que disseram não ter tido a utilização de textos científicos, embora fosse provável a recomendação deles, e outros 8,8% que disseram não terem tido a recomendação, embora fosse provável a utilização. Essa soma resulta em 49,5% do total de respostas (56 respondentes), *alunos* no tocante aqui, que não tiveram contato com textos científicos ou o tiveram muito pouco, de modo não satisfatório.

Quando perguntados sobre a frequência com que os professores utilizam textos científicos no curso, dos 113 respondentes, 73,5% apontaram que os professores se utilizam frequentemente de textos científicos durante todo o percurso acadêmico. O segundo maior grupo de respondentes (15%) assumiu unicamente a utilização de textos científicos e cerca de 11,5% considerou a utilização esporádica desse tipo material. Nenhum dos respondentes optou pela opção “nunca”.

A partir das respostas, pode-se destacar que a predominância dos entrevistados dispõe a utilização constante de textos científicos no meio acadêmico e o segundo maior grupo corresponde à utilização total desse material. Evidencia-se, então, que esse conteúdo é apresentado e manipulado em toda trajetória acadêmica.

Em relação ao nível de interesse nos textos disponibilizados como leitura complementar ou obrigatória pelos professores, uma porcentagem significativa de 69,9%

dos sujeitos apontou que é mediano. Portanto, a inclinação dos acadêmicos acerca dos textos propostos é superficial ou parcial pelos textos ou por alguns deles. Em oposição a isso, 28,3% dos acadêmicos afirmaram que há muito interesse nos textos propostos pelos professores. Além disso, uma pequena porcentagem de 1,8% apontou que há pouco ou nenhum interesse acerca desses textos. Os dados apontam significativamente para uma inclinação parcial ou superficial pelos textos científicos, um número bastante preocupante, pois a falta de interesse pode gerar impactos tanto na interpretação e na absorção do conteúdo lido, quanto na resignificação dele durante a formação acadêmica. Esses dados também revelam que a falta de interesse pelos textos científicos pode ser consequência da má seleção deles. É preciso que o professor volte sua atenção para a linguagem científica e para o modo como o texto discute as informações. Quando a linguagem é mais complexa, o texto pode oferecer alguns entraves para o acesso às informações, ocasionando empecilho para a compreensão da proposta do texto.

Perguntado ao público-alvo sobre a importância das leituras científicas para a formação de um acadêmico do seu curso, 77% disseram que a leitura, a reflexão e a discussão de textos científicos são itens indispensáveis. Em oposição, 22,1% acreditam que algumas leituras sejam dispensáveis e que, portanto, não fomentam a formação do graduando. Uma inexpressiva porcentagem de 0,9% afirmou que as leituras científicas são dispensáveis e totalmente triviais. Embora os dados apontem um número muito significativo de sujeitos que acreditam na importância dos textos científicos para a formação acadêmica, os 22,1% que consideram esses textos dispensáveis é bastante preocupante, já que estamos falando da formação de sujeitos que atuarão em diferentes áreas da sociedade. Os textos científicos de determinada área refletem os avanços dela, os problemas, as soluções, o que já foi superado e o que ainda precisa de maior atenção. Negar a importância desses textos na formação profissional é pressupor que a atuação do acadêmico será baseada nos próprios critérios, pouco se importando com os progressos da ciência e, conseqüentemente, com o impacto que suas ações podem gerar no meio em que está inserido.

Tendo como base as leituras e os materiais com os quais os acadêmicos já tiveram contato, foi questionado se é perceptível uma coerência entre eles e se é perceptível o objetivo que possuem para as disciplinas estudadas. Um total de 67,3% dos acadêmicos afirmou que conseguem perceber a relação entre o conteúdo e as temáticas. Por outro lado, 32,7% dos sujeitos pesquisados assinalaram que conseguem perceber a importância de algumas leituras, mas não veem coerência em outras. Isso indica que pode existir um descuido do docente quanto à seleção do material ou em sua introdução, tanto em relação à linguagem utilizada pelos autores do texto quanto à abordagem metodológica da proposta do material.

O próximo quadro indica a constante dos acadêmicos acerca da não contextualização devida ou insatisfatória do material oferecido pelo docente, podendo fazê-lo parecer desconexo das demais propostas.

**Quadro 2:** Ocorrência de contextualização dos textos científicos utilizados em sala de aula pelo professor

Alternativa	Porcentagem	Pessoas
Sim, acontece frequentemente.	8%	9
Não, nunca aconteceu.	8%	9
Sim, acontece, porém, esporadicamente.	36,3%	41
Sim, já aconteceu.	47,8%	54
Total	100%	113

Fonte: dados da pesquisa, 2020.

Com base nos dados do quadro 2, pode-se perceber que quase metade dos respondentes (47,8%) relata que já aconteceu de não conseguirem compreender o objetivo de um texto proposto ou de terem dificuldades para entender a relação do texto com outras disciplinas. Cerca de 36,3% dos respondentes mencionam que esse obstáculo advém esporadicamente, e nas duas opções seguintes, “Sim, acontece frequentemente” e “Não, nunca aconteceu”, obteve-se um resultado análogo de uma pergunta à outra (8%).

Por intermédio das respostas, é importante ressaltar a pesquisa de Silva (2019), que também obteve resultados similares no que diz respeito ao estranhamento quanto às leituras e à dificuldade acerca da leitura fragmentada, a qual deriva na falta de ligação e coerência entre os conteúdos acadêmicos. Esta se revela ser a dificuldade maior, tanto na pesquisa de Silva quanto neste levantamento: conseguir criar conexões reais com textos para absorver melhor os conteúdos.

Com base nos dados sobre se os acadêmicos acreditam que deve haver iniciativa do professor quanto à contextualização do material, pode-se notar que 97,3% dos respondentes optaram pela contextualização indispensável e apenas 2,7% que ela é desnecessária.

Mais uma vez é imprescindível destacar a dificuldade que os leitores acadêmicos demonstram em relação a criar vínculos entre um conteúdo e outro e, apesar das respostas negativas à contextualização, a grande maioria dos entrevistados acredita que a ligação entre os textos do curso é um alicerce indispensável.

Procurou-se investigar também de que modo as leituras científicas utilizadas na academia eram passadas aos acadêmicos. Para tal, questionamos se havia alguma contextualização do texto indicado e, ainda além, qual o nível de contextualização recorrente. Felizmente, nenhum dos respondentes assinalou a resposta: “Não, não existe qualquer contextualização”. Contudo, mesmo que 65,5% (74 pessoas) tenha respondido que existe contextualização das leituras em um nível satisfatório, 34,5% (39 pessoas) alegaram que existe, sim, uma contextualização, mas que ela é pouca e, conseqüentemente, insatisfatória, possivelmente ocasionando a resistência dos acadêmicos com o conteúdo trazido para dentro da sala de aula ou, ainda, a sua fragmentação com o restante do plano de ensino.

Quando perguntados se a preparação para os textos científicos deveria começar desde o Ensino Médio ou ser mais bem trabalhada pelos professores de graduação, observa-se que 55,8% dos respondentes acreditam que a preparação para a leitura de um texto científico deva ser um trabalho mútuo, iniciando no Ensino Médio e alcançando o

Ensino Superior. Outros 34,5% responderam que deve haver a contextualização desde o Ensino Médio e apenas 9,7% acreditam que o professor da graduação é quem deve preparar os graduandos para as leituras específicas.

A partir disso, é importante salientar que mais da metade dos entrevistados considera imprescindível que a contextualização ocorra nas duas vias de ensino, contrastando ainda mais o que foi dito por Tourinho (2011), que é esperado que o ingressante no ensino superior já tenha um nível de excelência em leitura, o que não acontece na maioria das vezes, gerando consequências negativas dentro da sala de aula.

Ao serem perguntados se se consideram leitores científicos, constata-se, a partir dos dados coletados, que 62,8% dos respondentes não se consideram um leitor científico ainda que tenha capacidade para realizar esse tipo de leitura e discuti-las em turma. O segundo grupo de respondentes (37,2%) se considera um leitor científico, capaz de absorver e discutir com o professor e em grupo as leituras propostas. Nenhum dos entrevistados considerou a opção em que não se sentia capaz de interagir com o material científico e discuti-lo.

Diante desse fato, podem-se trazer em pauta os dados apresentados na questão sobre a frequência da utilização de textos científicos, que detém, como a maioria das respostas, a utilização constante. Nota-se, então, que há proposta de conteúdo, mas que a pertinência se dá na adaptação e na adequação das estratégias empregadas para formar leitores acadêmicos.

Com base nas respostas à pergunta de que se os acadêmicos gostariam de ter maior compreensão e engajamento com os materiais propostos, constata-se que 55,8% dos respondentes gostariam de entender melhor os textos oferecidos, que 43,4%, apesar de entenderem parcialmente, gostariam de compreendê-los mais, e que apenas 0,9% não gostaria de ter qualquer interação com essas leituras.

Com base nisso, pode-se observar que se alcançou um número similar entre acadêmicos que gostariam de entender os textos em sua totalidade e acadêmicos que, apesar de entenderem, gostariam de compreendê-los de uma forma melhor. Isso nos mostra, assim como na pergunta anterior, considerar-se ou não um leitor científico, que há uma carência desses leitores no percurso acadêmico, ainda que haja esforço da parte docente e discente e que é preciso muito mais do que a apresentação do conteúdo: atribuir relevância às estratégias utilizadas a fim de aprimorar esses leitores com base nas suas vivências e entendimento.

A última questão se referia à experiência do respondente como acadêmico de graduação. Perguntamos qual seria, segundo eles, a melhor forma de abordar o “Letramento Científico” no Ensino Superior e qual a maior dificuldade deles com os textos dessa esfera. Embora essa questão tenha visado respostas de caráter qualitativo, pode ser interessante apresentar alguns dados de forma quantitativa.

Primeiramente, é preciso reduzir alguns números aqui para que a análise seja mais fidedigna. Dos 113 respondentes, 7 deles não souberam como responder a essa pergunta ou não souberam formular uma opinião, diminuindo o número de respostas para 106. Destas 106 respostas, 39 (36,8%) discursavam sobre como a melhor alternativa seria que os alunos de graduação tivessem contato prévio desde o Ensino Médio com o gênero científico, textos desse mesmo gênero e exercícios de produção textual, ainda que

simples, visando a uma introdução e a uma preparação para os conteúdos vindouros no ensino superior.

Ainda mantendo o foco em dados quantitativos, 25 dos 106 pesquisados discursaram sobre como seria importante e de grande contribuição atividades, produções textuais ou minicursos e até mesmo disciplinas e cursos que ensinassem o gênero científico, sua composição, seus múltiplos formatos, sua linguagem particular, sua composição e sua utilização tanto para estudo quanto para pesquisa. Fazendo um conectivo com outras respostas que igualmente apareceram recorrentemente, alguns dos respondentes disseram não haver tal disciplina ou introdução ao gênero científico e que essa era uma das causas do estranhamento e das dificuldades. Outros ainda frisaram que existe uma disciplina voltada para o conhecimento científico em suas instituições, muitas vezes denominada de “Metodologia da Pesquisa” e afins, mas que ela se encontra majoritariamente, se não completa, em EaD, o que se entende como sinônimo de precariedade.

Utilizando-se das próprias palavras de um dos participantes, ele diz que “aprendemos a referenciar um artigo sem nem mesmo saber o que é um artigo”, evidenciando que, mesmo que exista uma carga horária destinada a essa modalidade de ensino, ela é pobre e focaliza aspectos ligados à forma, e não ao conteúdo que o gênero veicula, não possui coerência em sua estrutura didática e, por ser trabalhada em EaD, culpabiliza o acadêmico pelo seu não entrosamento com textos científicos, desde a leitura até a produção.

Dessa forma, foi apontado que um plano de ensino mais funcional e mais claro quanto aos gêneros científicos, explicando suas estruturas, suas utilidades, suas diferenças, especificidades, a como compor um texto científico e, sobretudo, a como ler um texto científico, poderia contribuir com uma formação voltada ao Letramento Científico dentro do ensino superior. Logo, as instituições que não possuem esse ensino teriam de rever seus conteúdos e as que possuem, como algumas mencionadas pelos respondentes, deveriam tratar com mais seriedade e trazer maior significância ao espaço disponibilizado a esses gêneros tão importantes na academia.

O último aspecto a ser quantificado é sobre o tratamento e a curadoria que os professores exercem sobre os textos que utilizam ou recomendam dentro da sala de aula. Dos 106 que responderam, 26 (24,5%) deles disseram que deveria haver uma maior contextualização do professor sobre os textos que trazem para dentro da academia. O que era recorrente em muitas dessas 26 respostas, e também em outras, é que, além da contextualização do material proposto, deveria haver um exercício do professor quanto aos termos técnicos e científicos utilizados em suas respectivas áreas, por muitas vezes apresentarem especificidades próprias de uma ciência para outra e, ainda, termos autocunhados dentro das teorias, os quais, em ambos os casos, permanecem como incógnitas para o acadêmico até que ele esteja já em certa altura do curso.

Outro cruzamento entre as respostas que pode também ser adicionado a este momento é o desejo de retomada dos textos levados para dentro da sala de aula ou dos textos dados como recomendação ou leitura complementar. Mesmo que a taxa de utilização desses textos mais secundários seja baixa, existe, por parte do acadêmico, a vontade de discutir ou até mesmo sanar dúvidas que ocorrem durante a leitura desses materiais. Foi relatado que a não retomada dos textos acontece igualmente com materiais

que são “obrigatórios” pelo professor, deixando o exercício de leitura e criticidade ainda mais pobre e criando uma interrogação de “se não for para discutir, então por que ler?”.

Utilizando as próprias palavras de uma participante da pesquisa, tem-se que a maior das dificuldades é receber artigos e textos dos professores e, no final, não haver ligação destes com a realidade cotidiana ou profissional, ou nem mesmo colocá-los sob escopo de discussão, levando isso a se tornar “apenas uma leitura vaga e sem utilidade, o que faz com que nós, alunos, abandonemos a leitura e a compreensão”.

Ainda no que tange à linguagem científica, é observável nas respostas dos pesquisados que muitos não compreendem como se estruturam os diversos gêneros do universo acadêmico, alegando algumas vezes que deveria haver uma reforma nessa linguagem ou até mesmo ser utilizado algo mais coloquial; houve ainda quem dissesse que às vezes a utilização desse tipo de escrita/fala soa como mero complemento estético. As respostas desse nicho demonstram existência de um conhecimento amplo sobre como o discurso se estrutura e como a comunicação é plural e possui suas diferenciações dependendo da esfera em que é utilizada, configurando-se como mais um tópico possível de ser sanado com um plano de ensino mais rigoroso e coerente no que toca os gêneros da esfera científica.

Outra evidência presente nas respostas foi o argumento de que muitas vezes os professores tratam os alunos ingressantes na graduação como indivíduos já capazes de ler, absorver, refletir e exercer criticidade sobre o texto científico, o que é bastante errôneo. Nesse aspecto, vê-se a confusão que não somente acadêmicos e o restante das pessoas, mas professores também fazem com as características correspondentes ao Letramento. Saber ler, como já é saturado e muito bem-conceituado dentro dos estudos sobre o Letramento, e também na Teoria da Literatura, vai muito além do decodificar das palavras, de reconhecer os signos que compõem o alfabeto e se juntam em sílabas, palavras e frases. Nesse sentido, perdem os acadêmicos por não lhes ser trabalhada a habilidade necessária para desvendar a estrutura dos textos.

Algo que se vincula com essa discussão, e dessa vez direcionado aos professores, é de que alguns respondentes alegaram que, por vezes, os próprios docentes não possuem domínio sobre os gêneros científicos, o que atrapalha o momento das orientações sobre a escrita de textos desses gêneros. Levando-se esse aspecto em consideração, já se torna menos impressionante que instituições de ensino superior, estas que são produtoras de conhecimento científico, não tenham disciplinas ou enfoque na ministração do texto e da produção do conhecimento científico, ou, quando o tem, é de maneira não satisfatória, pobre e sem a devida seriedade, acarretando o sucateamento das produções que muitas vezes são feitas de maneira não ideal, visando apenas à conclusão do curso ou da disciplina.

Como não poderia deixar de ser abordado, boa parte dos pesquisados também revelou que não existe interesse deles próprios pelo texto e que necessitariam de força de vontade e cobrança de si próprios para engajarem com os materiais. Os motivos apontados para esse fenômeno são vários, além da própria procrastinação mostrada por eles, bem como a falta de tempo, o excesso de textos, a desconexão e não contextualização dos materiais (levando até mesmo à frustração dos acadêmicos por não enxergarem sentido no conteúdo), textos não atuais e que se utilizam de uma forma antiga da língua

ou que são de décadas anteriores, quando os próprios professores exigem fontes recentes como fonte para trabalhos.

Terminando os aspectos que envolvem a problemática referida pelos acadêmicos, ainda há o fator “ensino público” bastante presente nas respostas. Dentre elas, o argumento de que o atual ensino público em território nacional não é nada satisfatório ao nível exigido na graduação, o que acaba por elitizar o nível superior devido ao não engajamento de alunos de escolas públicas ao conteúdo presente nos Projetos Políticos Pedagógicos dos cursos. Críticas referentes à metodologia da forma de ensino, à não variação nas modalidades de gêneros textuais e ao pouco incentivo a leituras de natureza científica também foram recorrentes.

Houve respostas que, bastante relevantes, acabaram chamando mais a atenção por consequência, como foi o caso de dois estudantes que transmitiram igualmente suas preocupações com os demais cursos, apoiando-se no argumento de que num curso como Letras e outras licenciaturas, que possuem influência do ensino de gêneros, existe maior familiaridade com os gêneros discursivos, dentre eles, o científico. Já em cursos de áreas exatas, as engenharias, como utilizado no exemplo por um deles, em que até o mesmo o professor pode não ter uma vivência literária e de escrita satisfatória devido ao próprio caráter da profissão, torna-se um grande desafio o exercício de escrita dos gêneros textuais aqui discutidos.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Observa-se que a discussão e a efetivação dos múltiplos conceitos de Letramento é algo de extrema urgência nos âmbitos em que a leitura tem um papel imprescindível, como na academia. Desse modo, observou-se que os acadêmicos questionados percebem que um maior contato com os gêneros textuais científicos antes do ingresso no ensino superior seria uma boa forma de fundamentar um leitor científico, como observado na questão de resposta aberta. Destarte, essa não convivência prévia e o pouco contato com as estruturas e finalidades do texto científico demonstraram que existem, sim, desafios por parte dos acadêmicos em entender os materiais trazidos à sala de aula, para interagir com eles, refletir acerca deles e discuti-los.

É quase unânime que a leitura é indispensável na formação de qualquer profissional de qualquer área, como as muitas aqui alcançadas, e existe nos discentes o desejo de absorvê-las e compreendê-las melhor. Contudo, esta pesquisa buscou apenas o olhar dos acadêmicos sobre alguns gêneros textuais dentro da academia. Seria possível, ainda, e talvez até necessário, buscar a visão que os docentes possuem sobre o assunto, além de suas próprias percepções acerca do letramento de seus estudantes.

Embora este estudo tenha tido êxito em certos aspectos, como evidenciar a relação de estudantes do ensino superior com textos acadêmicos e a ausência do letramento na vivência desses estudantes, outros não foram possíveis de contemplação. Uma questão a pensar a partir dos resultados obtidos é como a formação superior parcialmente defasada, no que tange ao letramento, afeta o retorno dos alunos à academia, tornando-se um empecilho para a formação continuada, uma vez que os acadêmicos saem desse espaço com impressões ruins sobre o saber científico.

## REFERÊNCIAS

- BERTOLUCI, Kaluana Nunes. Letramento Acadêmico: Leitura(s) em um curso de Pedagogia. **Ao pé da letra**: Revista dos Alunos da Graduação em Letras, Recife, v. 11, n. 2, p. 107-124, 2009. Disponível em: <https://periodicos.ufpe.br/revistas/pedaleta/issue/view/2331>. Acesso em: 10 jun. 2020.
- COSSON, Rildo. **Letramento literário**: teoria e prática. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2009.
- FOUCAMBERT, Jean. **A leitura em questão**. Trad. Bruno Charles Magne: Porto Alegre: Artes Médicas, 1994.
- FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler**: em três artigos que se completam. São Paulo: Autores Associados: Cortez, 1989.
- LARROSA, Jorge. O ensaio e a escrita acadêmica. **Revista Educação & Realidade**. Porto Alegre, v. 28, n. 2, p. 101-115, 2003. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/educacaoerealidade/article/view/25643>. Acesso em: 10 jun. 2020.
- OLIVEIRA, Katya Luciane de; SANTOS, Acácia Aparecida Angeli dos. Compreensão em Leitura e Avaliação da Aprendizagem em Universitários. **Psicologia: Reflexão e Crítica**, São Paulo, v. 18, n. 1, p. 118-124, 2005. Disponível em: [https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0102-79722005000100016&script=sci\\_arttext](https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0102-79722005000100016&script=sci_arttext). Acesso em: 10 jun. 2020
- SANTOS, Ana Claudia Siqueira dos *et al.* **Alfabetização e letramento**: dois conceitos, um processo. [S. l.]. 2016. Disponível em: <https://portal.fslf.edu.br/wp-content/uploads/2016/12/tcc3-6.pdf>. Acesso em: 10 jun. 2020.
- SILVA, Elizabeth Maria da. O que dizem graduandos em Pedagogia sobre suas práticas de leitura: o olhar dos letramentos acadêmicos. **Revista Leia Escola**. Campina Grande, v. 19, n. 1, p. 200-211, 2019. Disponível em: <http://revistas.ufcg.edu.br/ch/index.php/Leia/article/view/1292>. Acesso em: 12 jun. 2020.
- SILVA, Paulo Gregório Nascimento da *et al.* Motivação para leitura e variáveis sociodemográficas como preditoras da procrastinação acadêmica. **Psicología, Conocimiento y Sociedad**, Montevideu, v. 10, n. 1, p. 142-163, 2020. Disponível em: <https://revista.psyco.edu.uy/index.php/revpsicologia/article/view/560/419>. Acesso em: 15 jun. 2020.

TOURINHO, Cleber. Refletindo sobre a dificuldade de leitura em alunos do ensino superior: “Deficiência” ou simples falta de hábito?. **Revista Lugares de Educação**, Paraíba, v. 1, n. 2, p. 325-346, 2011. Disponível em: <http://periodicos.ufpb.br/ojs2/index.php/rle>. Acesso em: 15 jun. 2020.